

# TRANSIÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA O ENSINO MÉDIO DA EJA: DESAFIOS CURRICULARES

*Zirani Neta Vidal\**

*Universidade do Estado da Bahia*

<https://orcid.org/0000-0001-2345-678>

*Graça Dos Santos Costa\*\**

*Universidade do Estado da Bahia*

<https://orcid.org/0000-0001-7770-0118>

*Patrícia Lessa Santos Costa\*\*\**

*Universidade do Estado da Bahia*

<https://orcid.org/0000-0002-2038-8132>

## RESUMO

Nas últimas décadas, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta gradativo aumento da presença de jovens, fenômeno impulsionado pela migração de estudantes da educação regular, ocasionado por fatores de diversas ordens, como aspectos políticos, legais, pedagógicos, sociais, econômicos e subjetivos (Brunel, 2014; Carrano, 2007 e outros). Partimos do pressuposto de que a EJA redireciona os estudantes nas suas trajetórias formativas, assegurando o direito à educação. O presente artigo tem por objetivo analisar as percepções de estudantes do ensino médio da EJA de uma escola pública do Sul da Bahia sobre o processo de transição, apresentando os dilemas e desafios curriculares. A referida pesquisa é do tipo descritiva, se ancora na abordagem qualitativa e tem como sujeitos entrevistados estudantes da EJA. Os resultados sinalizam lacunas significativas em relação a projetos, ações e estratégias específicas de apoio à transição escolar na EJA, o que representa um obstáculo significativo para os estudantes, impedindo-os de enfrentar os desafios acadêmicos e sociais associados à mudança para o Ensino Médio.

**Palavras-chave:** EJA, Ensino Médio, Transição, Currículo.

---

\* Zirani Neta Vidal. Especialista no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) pelo Instituto Federal de Educação (IFBA). Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Direitos Humanos e Interculturalidade (GREDHI). Mestranda do Programa em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA). Professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA). E-mail: [tetative@yahoo.com.br](mailto:tetative@yahoo.com.br)

\*\* Graça dos Santos Costa. Doutora em Pedagogia pela Universidade de Barcelona (UB). Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA). Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Direitos Humanos e Interculturalidade (GREDHI). E-mail: [gracacosta@gmail.com](mailto:gracacosta@gmail.com)

\*\*\* Patrícia Lessa Santos Costa. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora dos Mestrados Profissionais em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) e em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC) do Departamento de Educação I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Brasil. E-mail: [plessacosta@gmail.com](mailto:plessacosta@gmail.com)

## ABSTRACT

### TRANSITION FROM ELEMENTARY TO SECONDARY EDUCATION IN EJA: CURRICULAR CHALLENGES

In recent decades there has been a gradual increase in the presence of young people in Youth and Adult Education (EJA), a phenomenon driven by the movement of students from regular school, caused by political, legal, pedagogical, social, economic and subjective factors (Brunel, 2014; Carrano, 2007). In this article we start from the assumption that EJA redirects students in their educational trajectories, aims to analyze the perceptions of EJA high school students from a public school in Southern Bahia about the transition process, presenting curricular dilemmas and challenges. The study is based on qualitative interviews with EJA students. The results indicate significant gaps in relation to specific projects, actions and strategies to support the school transition in EJA, which represents a significant obstacle for students, preventing them from facing the academic and social challenges associated with the change to High School.

**Keywords:** ADULT EDUCATION, HIGH SCHOOL, TRANSITION, CURRICULUM.

## RESUMEN

### TRANSICIÓN DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA A LA EDUCACIÓN SECUNDARIA EN LA EJA: DESAFÍOS CURRICULARES

En las últimas décadas se ha producido un paulatino aumento de la presencia de jóvenes en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), fenómeno impulsado por la migración de estudiantes de la escuela regular, provocado por factores políticos, jurídicos, pedagógicos, sociales, económicos y subjetivos. (Brunel, 2014; Carrano, 2007). En este artículo partimos del supuesto de que EJA reorienta a los estudiantes en sus trayectorias educativas, garantizando su derecho a la educación. Este artículo tiene como objetivo analizar las percepciones de estudiantes de secundaria de la EJA de una escuela pública del Sur de Bahía sobre el proceso de transición, presentando dilemas y desafíos curriculares. El estudio se basa en entrevistas cualitativas a estudiantes de la EJA. Los resultados apuntan brechas significativas en relación a proyectos, acciones y estrategias específicas para apoyar la transición escolar en la EJA, lo que representa un obstáculo importante para los estudiantes, impidiéndoles enfrentar los desafíos académicos y sociales asociados a la transición a la Educación Secundaria.

**Palabras clave:** EJA, ESCUELA SECUNDARIA, TRANSICIÓN, CURRÍCULO.

## Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica que atende estudantes a partir dos 15 anos de idade<sup>1</sup>.

1 A educação Básica, a partir da Lei 9.394/96, está estruturada em três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A EJA é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis da Educação Básica. A EJA é destinada “a àqueles (as) que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos Fundamental e

Geralmente, integram a referida modalidade pessoas de classes populares que vivem ou viveram histórias de negação de direitos por sua raça/etnia, gênero e classe social e, conseqüentemente, foram excluídas do processo de

Médio na idade considerada própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida (BRASIL, 1996).

escolarização. Sendo assim, o público da EJA, formado por adolescentes, jovens, adultos e idosos, é composto por um grupo diversificado e heterogêneo, bem como com interesses diferenciados provenientes da sua faixa etária, trajetórias, vivências e posições sociais (Gadotti, 2013).

Na atualidade, constata-se essa complexidade também por um processo de juvenilização da EJA, que traz consigo novos desafios e possibilidades curriculares, conforme aponta Carrano (2007).

Para enfrentar o desafio disso que temos chamado de ‘juvenilização da EJA’, deveríamos caminhar para a produção de espaços escolares culturalmente significativos para uma multiplicidade de sujeitos jovens – e não apenas estudantes – histórica e territorialmente situados e impossíveis de conhecer a partir de definições gerais e abstratas. Neste sentido, seria preciso abandonar toda a pretensão de elaboração de conteúdos únicos e arquiteturas curriculares rigidamente estabelecidas para os ‘jovens da EJA’. (Carrano, 2007, p. 2)

Tal contexto enfatiza a necessidade das instituições educacionais refletirem sobre a pluralidade de juventudes, bem como a importância de repensar a proposta curricular da EJA. Esse fenômeno, ao qual Silva (2014, p.35) denomina de “juvenilização”, está em ascensão na atualidade; é uma nova especificidade, que tem trazido muita inquietação e desafios às escolas ofertantes da modalidade. Estas, por sua vez, procuram respostas formativas e curriculares que venham atender a esse público crescente e que traz consigo uma diversidade de vivências e costumes provenientes de diferentes contextos sociais. Essa nova caracterização tenciona um novo currículo, no qual o jovem seja autor e coautor de si, produtor de conhecimento, saberes/cultura.

O aumento cada vez maior de jovens na EJA demonstra mudanças significativas na configuração dessa modalidade. Para garantir esse direito, os horizontes legislativos no Brasil legitimam a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), reduzindo a faixa

etária dos candidatos do Ensino Supletivo para 15 anos no Ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio. Em concordância, a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB) expediu a Resolução CNE/CEB nº 03/2010 (Brasil, 2010), que determinou também essa idade mínima para a matrícula na EJA<sup>2</sup>.

Em se tratando da transição dos jovens da escola regular para a modalidade da EJA, Brunel (2014) cita que a juvenilização é decorrente não só da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (BRASIL, 1996), mas do contexto em que esse aluno está inserido, ou seja, o meio escolar, social e cultural do qual faz parte.

Todos esses fatores ocasionam uma prática deliberada de transferir adolescentes do ensino regular para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), incidindo no processo de aceleração do processo de formação escolar. Em lugar de priorizar a criação de condições adequadas para que esses adolescentes permaneçam no ensino regular e completem sua educação de maneira integral, alguns gestores educacionais e defensores do direito à educação consideram a idade mínima estabelecida para ingresso na EJA como baixa. Essa percepção equivocada da EJA como uma alternativa rápida para obtenção de certificação escolar mascara as causas subjacentes à evasão/expulsão e repetência no ensino regular. Além disso, essa transferência é interpretada como um meio de corrigir o fluxo educacional, reduzindo os índices de distorção idade-série/ano.

De acordo do Pereira e Oliveira (2018, p. 528), “a correção de fluxo tem funcionado como mecanismo de escape, utilizado por gestores com o objetivo de evitar as sanções previstas nas políticas de responsabilização às escolas e aos professores e professoras que não alcançam as metas de desempenho estabelecidas pelas diferentes esferas do sistema”.

2 De acordo com o Censo Escolar de 2023, a migração dos jovens do ensino Regular a EJA vem crescendo. De 2020 para 2021, aproximadamente 107,4 mil estudantes dos anos finais do ensino fundamental e 90 mil do ensino médio migraram para EJA.

Em resumo, a prática de transferir estudantes para a EJA não pode ser encarada como uma abordagem superficial para problemas mais complexos dentro do sistema educacional, negligenciando as questões estruturais que afetam a permanência e o progresso dos estudantes no ensino regular.

Além dos fatores elencados, a configuração pedagógica é um forte elemento que proporciona a transição dos jovens à EJA. A organização e a estruturação do ensino diurno, com horários incompatíveis com a vida do estudante trabalhador, a quantidade de tarefas extraescolares e o currículo rígido são alguns dos elementos que fomentam a migração dos jovens para a EJA. Devem-se mencionar também os entraves do sistema de ensino regular, cujos arranjos didáticos e curriculares nada flexíveis e herméticos configuram-se como fator “que produz trajetórias com interrupções no ensino diurno, devido a recorrentes reprovações, o que acaba deixando os estudantes desconfortáveis e apartados do ensino neste turno” (Oliveira; Costa, 2020, p.52).

Este texto apresenta os resultados da pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-graduação de Educação de Jovens e Adultos (MPEJA), que teve por objetivo analisar as percepções de estudantes do ensino médio da EJA de uma escola pública do Sul da Bahia sobre o processo de transição, apresentando os dilemas e desafios curriculares. Iniciamos por uma breve discussão sobre a transição do ensino médio da EJA e os desafios curriculares correspondentes e, a seguir, apresentamos o estudo e suas respectivas conclusões.

## Algumas facetas da transição escolar

A noção de transição, como fenômeno social, é fundamental para compreendermos o curso da vida na contemporaneidade, implicando em mudanças constantes e impactantes em toda existência – infância, juventude, adulta,

velhice (Muller, 2013). Aqui enfocamos uma fase específica, que faz parte desse contínuo devir, relacionada à passagem do ensino fundamental para o ensino médio na EJA. O que essa mudança significa e implica para os sujeitos? Expulsão? Oportunidade? Trata-se de um tema sociológico, pouquíssimo estudado, que precisa ser entendido de forma cuidadosa. Importante destacar, desde pronto, que a idade, a própria transição e as possíveis oportunidades envolvidas (ou não) são categorias muito mais complexas e multidimensionais do que se possa imaginar à primeira vista e agregam um contexto de incertezas, inseguranças e crises. Aqui estamos falando do jovem da EJA, perpassado por atravessamentos de classe, gênero, etnia, dentre outros, que compõem a forma como experienciam o mundo da vida.

A Antropologia é a fonte nascedoura do conceito de transição, com os estudos sobre os rituais de passagem demarcadores da mudança de um *status* para outro do indivíduo. Em sociedades ditas “primitivas”, os ritos de passagem envolvem sofrimento e celebração que fazem os indivíduos incorporarem a nova fase da vida, implicando ruptura com a anterior realidade e a assunção de novos papéis. Tais ritos desenvolvem-se com vistas aos indivíduos assumirem direitos e responsabilidades e legitimarem-se junto à sociedade.

A Sociologia traz reflexões sobre o impacto do contexto social e cultural nessa transição nas diversas etapas da vida. A noção já conhecida de socialização deve, nesse caso, assumir uma dimensão que dê conta de um processo muito mais dinâmico, que engloba aprendizagem escolar, a qual não consiste em transmissão e acumulação de conhecimento, mas envolve mecanismos complexos de interação com os sujeitos e as experiências acumuladas que eles trazem para o cotidiano escolar em termos dos capitais – social, cultural, humano, como tão bem discutidos por Bourdieu e Passeron (2014). Significa dizer que atores socializados em condições mais homogêneas teriam reações muito mais previsíveis às mudanças. Em

comparação, atores com histórias de vida heterogêneas, marcadas por contradições, crises e dificuldades de toda ordem têm marcadamente momentos de instabilidade e indefinição na mudança da etapa de ensino.

Estudos mostram que a EJA é frequentemente associada a trajetórias educacionais interrompidas, exclusão e vulnerabilidade social, corroborando dificuldades na passagem marcadamente para ao ensino médio. Portanto, é crucial considerar as desigualdades sociais e as experiências anteriores de aprendizagem dos estudantes nessa transição, a fim de promover a inclusão e a valorização de suas vivências. Ao contemplar as narrativas que informam este estudo, encontramos as noções de responsabilidade, dificuldades diversas, necessidade de independência, dentre outras, como se verá a seguir nos depoimentos dos estudantes da EJA entrevistados.

Sacristán e Pérez Gomez (1998), pesquisando a transição para o ensino secundário na Espanha, explora o contexto social como de fundamental importância para a compreensão do processo de transição no ensino; destaca o fenômeno do afrouxamento das redes de sociabilidade estabelecidas com professores/as e colegas na passagem do ensino básico para o secundário, o que pode ter como consequência distanciamentos favorecedores da desintegração do ambiente escolar. Corroborando o autor, Abrantes (2005) considera que as transições entre os diferentes ciclos educativos marcam a vida social não somente dos estudantes, mas a de seus pais e familiares, sendo um processo social complexo, pautado por incertezas relacionadas ao sucesso ou fracasso. Ademais, se estabelecem como uma tríade que envolve *inter (ação)*, conforme discutido em relação às redes de sociabilidade, com possível afrouxamento das mesmas na passagem para o ensino médio; mas também o fenômeno da *exclusão*, se as possibilidades de insucesso são ampliadas na transição, principalmente no ensino médio. Destarte, o caráter seletivo do sistema escolar reforça seu *modus operandi*, principalmente

para jovens e adultos advindos de meios sociais menos favorecidos, com trajetórias escolares marcadas pelas discontinuidades, por razões de todo tipo. Em crítica ao sistema de ensino como um todo, autores discutem exatamente essa instituição como reprodutora da cultura dominante, reforçando a própria reprodução das relações de classe (Bourdieu; Passeron, 1982).

Aqui situamos a problemática da Educação de Jovens e Adultos, marcada por um público diversificado, com diferentes idades, experiências de vida e trajetórias escolares, o que exige um olhar diferenciado para suas necessidades e demandas educacionais. “A educação de adultos é um espaço de diversidade e de experiências diversas, de relações intergeracionais, de conhecimento e de diálogo intercultural” (Gadotti, 2013, p. 26-27). Esses sujeitos, na maioria das vezes, são trabalhadores das mais variadas atividades, com históricos de reprovação e distanciamento escolar, por vários motivos, valores e crenças dos grupos, quer sejam:

[...] negros, brancos, indígenas, amarelos, mestiços, homens, mulheres, jovens, adultos, idosos, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, agricultores, pantaneiros, camponeses, sem-terra, sem teto, sem emprego... das periferias urbanas e dos campos. (Gadotti, 2013, p. 14).

Esses sujeitos específicos, ou seja, com suas características, gênero, raça, etnia, religião, representam os muitos perfis encontrados na sociedade: são donas de casa, comerciantes, camponeses, autônomos, desempregados, boias-frias, sacoleiros, camelôs, topiqueiros, manicures, cabeleireiros, mães solteiras, pessoas com deficiências físicas e intelectuais, açougueiros, feirantes ou trabalhadores rurais temporários (colhedores de cacau, café etc.). Podem ser, ainda, artesãos, agricultores, domésticas; habitantes de comunidades tradicionais, assentados da reforma agrária, trabalhadores urbanos, como carrinheiros, carpinteiros, varredores de rua, trabalhadores do comércio, dos transportes, da saúde e da construção civil e coletores de materiais recicláveis,

garis e profissionais do sexo, trabalhadores do serviço doméstico, trabalhadores da limpeza ou da segurança pública, jovens ou adolescentes em medidas socioeducativas, enfim, os mais variados segmentos da população.

Nesta direção, a EJA deve ser pensada para sujeitos específicos, como afirma Arroyo (2007, p.7), “educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas”. É inegável que estas pessoas estão efetivamente situadas na sociedade e necessitam de políticas públicas afirmativas voltadas para a perspectiva da inclusão social, do desenvolvimento cultural e social da pessoa, que atendam aos anseios dos sujeitos da EJA, valorizando seus saberes populares, tradicionais e ancestrais, para que eles possam adquirir o conhecimento que liberta e transforma vidas.

Segundo Ribeiro (2011), o modo como se dá a transição para o Ensino Médio influi diretamente na continuidade ou não dos estudos. Dos discentes matriculados no 1º ano do Ensino Médio, cerca de quase 20% repetem essa série e cerca de 11% abandonam os estudos. Por conta disso, essa série é a campeã em reprovação e evasão/expulsão.

Segundo diagnosticou Tilton (2010), os discentes que chegam ao Ensino Médio sentem-se incapazes de aprender os conteúdos desse segmento de ensino e sofrem com a falta de acolhimento nas escolas, assim como reclamam da falta de atividades que favoreçam um maior convívio entre os estudantes.

Souza (2019), em pesquisa realizada em Salvador, observou que os estudantes que procuraram a EJA estavam buscando corrigir a distorção idade-série, pois a maior parte declarou ter repetido de ano ou abandonado a escola em face das reprovações constantes ou pela necessidade de se ausentar para cuidar de um familiar doente.

Lima (2017) estudou os estudantes da EJA em um município do Rio de Janeiro. Ela observou que muitos discentes que chegam ao Ensino Médio passaram por correção de fluxo

por apresentarem distorção idade/série. Ela destaca que esses educandos “[...] são mais vulneráveis, tendo em vista que o percentual de NIS<sup>3</sup> é mais elevado” (Lima, 2017, p.13).

Lebourg, Coutrim e Silva (2021) trazem alguns dados importantes, muitas vezes ignorados no processo de transição para o EJA/EM – a separação dos colegas de infância com os quais estudaram por longa data. Muitas vezes a ida para o Ensino Médio da EJA os separa dessas pessoas com quem mantém importantes laços afetivos, seja por estudarem em escolas ou turnos diferentes. Há, ainda, problemas de deslocamento para aqueles que moram em zona rural, que passam por estradas sem pavimentação, cujos transportes não vão até seu lugar de moradia, obrigando-os a percorrer longos quilômetros para ter acesso ao transporte escolar. Como ignorar essas questões?

Lebourg, Coutrim e Silva (2021, p. 86) ainda apontam, quanto à questão da transição escolar para o Ensino Médio/EJA, o fato de que a escola oferta “[...] conteúdos disciplinares formais e pouco atrativos e problemas com a criação de espaços de sociabilidade que valorizem sua cultura extraescolar”. Por conta disso, o estudante que vem das camadas populares, que enfrenta problemas socioeconômicos é obrigado a lidar com “o currículo estrito e o desconhecimento das culturas juvenis por parte de gestores, professores, professoras e pelo próprio sistema de ensino impedem que muitos estudantes se reconheçam na escola e se sintam parte dela” (Lebourg; Coutrim; Silva, 2021, p. 86).

A pesquisa sugere que, seja qual for sua conotação, é fundamental criar estratégias de apoio à transição, sendo cruciais a compreensão e o auxílio àqueles que enfrentam desafios na Educação de Jovens e Adultos. Estudos ressaltam que essa transição frequentemente não

3 O Número de Identificação Social tem sido utilizado em pesquisas nacionais como uma *proxy* da pobreza, pois está associado ao risco de vulnerabilidade social, em vista de estar relacionado ao Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal, cujos beneficiários são notadamente famílias que se encontram na faixa da pobreza ou extrema pobreza (Lima, 2017, p.12).

é desejada; ela se assemelha, em certo sentido, a uma exclusão ou expulsão para a EJA, seja por motivos disciplinares ou administrativos. Para muitos desses sujeitos, essa transição representa também uma migração forçada, onde os estudantes são compelidos a abandonar suas escolas de origem devido a diversos fatores, como mudanças familiares, deslocamentos geográficos ou instabilidade socioeconômica. Essa migração muitas vezes interrompe abruptamente o percurso educacional dos estudantes, exigindo que se adaptem a novos ambientes e realidades, o que pode impactar significativamente seu desenvolvimento acadêmico e emocional (Vidal, 2024).

A ilusão da liberdade de escolha no itinerário formativo revela-se como uma cruel farsa, especialmente dentro do contexto da EJA, tanto na modalidade em que a oferta de cursos durante o turno da noite predomina, quanto no ensino médio “regular” noturno.

Nesse contexto, a falsa sensação de escolha apenas reforça a marginalização dos estudantes adultos, negando-lhes uma educação verdadeiramente personalizada e inclusiva. A falta de investimento em alternativas educacionais mais flexíveis e adaptadas às necessidades dos estudantes adultos perpetua essa injustiça, reforçando a ideia de que a educação noturna é, em essência, uma segunda opção, desprovida das mesmas oportunidades e recursos oferecidos aos estudantes em horários convencionais.

Diante das diversas nuances que caracterizam a transição para o ensino médio na EJA, surge o presente estudo. Nele, a concepção de transição é tomada numa perspectiva crítica, com todas as suas tensões no sentido de propor estratégias de apoio voltadas a amparar os estudantes já inseridos no contexto da EJA, com o intuito de facilitar sua integração nessa nova etapa educacional. Esse enfoque materializa-se por meio da disponibilização de recursos e orientações que visam a auxiliar os educandos a enfrentarem os desafios que surgem ao longo do processo educacional na EJA, como a transição entre os diferentes níveis de ensino

e a adaptação às novas exigências curriculares e ambientais.

## Dilemas e desafios curriculares no processo de transição do ensino fundamental para o ensino médio da EJA

O desvelamento e a visibilização das diferentes juventudes no currículo da EJA implicam em fazer um giro curricular didático e epistemológico. O currículo é um território tensionado, em que todos os sujeitos requerem/exigem respeito, valorização e reconhecimento (Oliveira; Costa, 2020, p.55). Esse entendimento de currículo aponta para a necessidade e urgência de repensar o conhecimento e as práticas curriculares.

O currículo é um instrumento potente que define o projeto educativo da escola. Para Sacristán (2013, p.18), o currículo é um instrumento capaz de “[...] estruturar a escolarização, a vida nos centros educacionais e as práticas pedagógicas, pois dispõe, transmite e impõe regras, normas e uma ordem que são determinantes”. Isso significa dizer que os conteúdos, os procedimentos metodológicos, assim como as diretrizes de uma determinada unidade de ensino, são currículo.

Arroyo (2014, p.167) discute a questão do processo de escolha que permeia o ato de construir currículos. Para o estudioso, construir um currículo, em especial na EJA, significa “[...] fazer opções, sobretudo quando chegam à educação média jovens-adolescentes e adultos populares, trabalhadores não pensados para trabalhos e profissões nobres”. Enfatiza a questão da juvenilização, da especificidade da EJA. Diante desse pensamento, é preciso compreender essa juvenilização da EJA como um campo que pode “[...] produzir (re)conhecimentos e proximidades, mas também distâncias e estranhamentos entre sujeitos situados em distintos lugares sociais; pesquisadores e pesquisados, docentes e estudantes” (Carrano, 2011, p.1).

Se os discentes estão mudando, cabe ao professor repensar o currículo, haja vista que

O currículo, os conteúdos, seu ordenamento e seqüenciação, suas hierarquias e cargas horárias são o núcleo fundante e estruturante do cotidiano das escolas, dos tempos e espaços, das relações entre educadores e educandos, da diversificação que se estabelece entre os professores (Arroyo, 2011, p.18).

Se o currículo se configura como ponto focal do trabalho docente, há que se pensar sensivelmente sobre este; caso contrário, como afirma Arroyo (2011), o professor poderá ficar limitado ou talvez escravo do currículo.

Dada a complexidade e os desafios do currículo do ensino médio da EJA, é fundamental construir estratégias de acolhimento, apoio e respeito às juventudes, pautadas no reconhecimento das diferentes culturas juvenis presentes no espaço escolar, bem como a superação de preconceitos, hierarquizações e subalternizações culturais de diferentes saberes. Nesse sentido, Oliveira e Costa (2020) sublinham o diálogo intercultural como possibilidade para a construção de um currículo que atenda a cultura juvenil, que respeite as autorias, saberes e fazeres de todos os sujeitos.

Nesta trama e teia curricular, as transições educacionais representam momentos críticos na jornada de qualquer estudante, influenciando não apenas seu desempenho acadêmico, mas também seu desenvolvimento pessoal e emocional. No contexto da EJA, a transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio assume uma relevância particular, dadas as características singulares desse público.

Um dos desafios mais evidentes na transição do EF para o EM/EJA é a necessidade de adaptação a um novo ambiente escolar e a demandas acadêmicas mais complexas. Muitos estudantes da EJA retornam à sala de aula após um longo período afastados do sistema educacional formal, o que pode gerar dificuldades de readaptação e de acompanhamento do ritmo de aprendizado. A mudança na dinâmica escolar e a exigência de maior autonomia no processo

de estudo representam obstáculos adicionais, especialmente para aqueles que enfrentam defasagens de aprendizado.

Além disso, a questão da autoconfiança e autoestima dos estudantes surge como um desafio significativo durante essa transição. A idade avançada, em comparação com os colegas mais jovens, pode gerar sentimentos de inadequação e insegurança, afetando negativamente o envolvimento e a participação dos estudantes nas atividades escolares. A falta de suporte emocional e encorajamento adequado por parte dos educadores e da comunidade escolar pode agravar esses sentimentos, tornando a adaptação ainda mais difícil.

Apesar dos desafios, a transição do EF para o EM da EJA também oferece oportunidades significativas de crescimento e desenvolvimento para os estudantes. Para muitos deles, essa transição representa uma segunda chance de retomar seus estudos e alcançar seus objetivos educacionais e profissionais. O ambiente inclusivo e acolhedor da EJA pode proporcionar um espaço seguro para explorar novas habilidades e interesses, encorajando os estudantes a se engajarem ativamente em sua própria jornada de aprendizado.

Assim, no processo de transição escolar, os desafios se apresentam significativos, mas também se revelam como uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento pessoal e acadêmico dos estudantes. Torna-se imprescindível que educadores e instituições de ensino identifiquem e atendam às necessidades específicas dos estudantes durante essa fase crítica, fornecendo um suporte emocional, acadêmico e social adequado. É imprescindível a criação de estratégias curriculares que apoiem a persistência por meio de “itinerários personalizados baseados em planos de ação tutorial que acompanhem e promovam satisfação e desempenho nas atividades e sejam flexíveis e adaptados às suas circunstâncias de trabalho, de forma a fortalecer o vínculo do aluno com a instituição” (Daza; Llanes, Figuera, 2024, p.06, tradução nossa).



Enfim, são muitas as barreiras que dificultam a persistência dos estudantes na trajetória educativa do ensino médio da EJA: disposicional, institucional e situacional. É fundamental que a transição dos discentes demande uma compreensão de fatores macro e micro estruturais.

Os fatores que sustentam que os estudantes persistam extrapolam os fatores unicamente escolares (dinâmicas sociais de desigualdades e exclusão, responsabilidades familiares, necessidades financeiras e pressões sociais, obstáculos situacionais), mas também precisamos considerar fatores pedagógicos e administrativos escolares (gestão do currículo e da instituição formativa, qualidade do ensino, financiamento, disposição dos espaços formativos). (Mallows; Costa, 2020, p. 53).

Sejam quais forem as barreiras, é necessário apoiar os educandos no processo de transição e saber quais são os fatores macro e micro que se correlacionam com a persistência/abandono/pausa. A persistência é um processo de aprendizagem contínuo que dura até o alcance dos objetivos educativos (Mallows; Costa, 2019; Cross, 1974).

## Aspectos metodológicos e perfil dos estudantes

O estudo que buscou entender as percepções dos sujeitos acerca de processos educativos, como no caso dos estudantes da EJA, demanda abordagem de pesquisa que busque dar conta das subjetividades, das formas como os indivíduos percebem o mundo e suas experiências

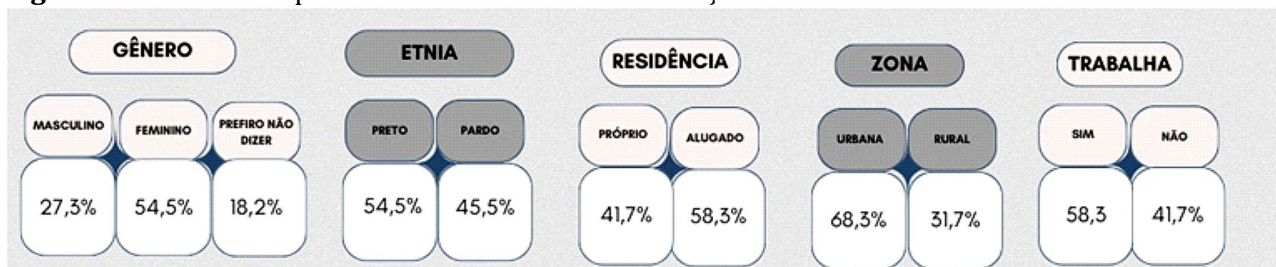
nele. Desta forma, realizamos uma pesquisa exploratório-descritiva, ancorada na metodologia qualitativa, com uso da entrevista como ferramenta para compreender as percepções dos educandos acerca da transição do ensino fundamental para o ensino médio da EJA de uma escola pública de cidade do interior da Bahia. Nosso objetivo foi identificar os desafios enfrentados e as oportunidades vividas por esses jovens na transição.

Em se tratando dos estudantes, foi feita uma seleção a partir do quantitativo de turmas na escola. Os critérios para inclusão na pesquisa foram: ser estudante da EJA/EM, desejar participar e ser estudante residente na zona rural ou urbana. Foram selecionados dois estudantes de cada turma, entre as seis existentes no colégio. O recorte congregou doze participantes, identificados por pseudônimos atribuídos sem qualquer associação prévia ou conhecimento dos participantes, escolhidos de forma aleatória em consenso com todos os envolvidos neste estudo. Em um primeiro momento foi aplicado um questionário socioeconômico com os entrevistados.

Durante a realização da pesquisa, todos os procedimentos éticos e morais foram rigorosamente observados, em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Comitê de Ética. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e receberam informações detalhadas sobre a natureza da pesquisa.

Primeiro, buscou-se verificar como os estudantes se identificam quanto a diversos aspectos identitários, conforme mostrado na Figura 1.

**Figura 1:** Perfil dos respondentes conforme autodeclaração



Fonte: Pesquisa de campo, 2023.

No que diz respeito ao gênero dos estudantes, os dados revelam que 27,3% são do sexo masculino, 54,5% do sexo feminino e 18,2% optaram por não informar. Posteriormente, buscou-se identificar a que grupo étnico os estudantes declaravam pertencer. Com base nas informações coletadas, é possível concluir que a maioria dos discentes se identifica como pertencente às etnias negra e parda, indicando que nenhum dos educandos se identificou como branco.

Outra questão do questionário socioeconômico referiu-se às condições de moradia dos educandos. Observou-se que a maioria dos estudantes reside em casas alugadas, representando 58,3%, enquanto 41,7% possuem moradia própria, conforme evidenciado na Figura 1. Além disso, foi investigado se a residência dos estudantes estava localizada na zona urbana ou rural. Constatou-se que 68,3% residem na zona urbana, enquanto 31,7% vivem na zona rural.

Adicionalmente, buscou-se verificar a inserção dos educandos da EJA no mercado de trabalho. Em relação às ocupações, notou-

se que 59,3% dos estudantes entrevistados trabalham como autônomos, alguns estão envolvidos em trabalhos temporários e outros possuem empregos com carteira assinada. Além disso, 41,7% dos educandos não estão atualmente empregados, conforme exposto na Figura 1.

Ao delinear este cenário, começamos a perceber de forma mais estruturada o que o cotidiano já indicava: os estudantes da EJA, da sala do Tempo formativo II e do Tempo Juvenil, que participaram desta pesquisa, possuem distintas práticas culturais e, como resultado, diferentes percepções.

Os dados coletados foram agrupados conforme temas ou padrões decorrentes identificados durante as entrevistas (Figura 2). Esses agrupamentos incluíram desafios na transição escolar, motivos que impulsionaram o retorno aos estudos, experiências de aprendizado, obstáculos relacionados ao trabalho, dificuldades educacionais, ambiente educacional da EJA e as metodologias pedagógicas adotadas pelos professores e professoras.

**Figura 2:** Categorias de análise para o estudo



**Fonte:** Autoria própria.

Importante destacar que a análise das respostas abertas obtidas nas entrevistas em profundidade foi realizada a partir da análise de conteúdo (Bardin, 1977). A análise da informação coletada durante a investigação é uma tarefa complexa e criativa que reúne rigor e trabalho sistemático. As categorias apresentadas a seguir são frutos do diálogo entre teoria e empiria e foram selecionadas no movimento da análise das informações teóricas (dedução) e fruto das emergências das informações coletadas através das técnicas de pesquisa (indução).

## O que pensam os estudantes sobre a transição para o ensino médio da EJA em Gandu, Bahia

Parte dos resultados obtidos serão aqui apresentados, com foco nas categorias elencadas na Figura 2. Desta forma, elementos que foram sendo suscitados no bojo do processo de transição amalgamam as categorias relacionadas ao currículo e práticas curriculares, abandono e persistência escolar, como segue.

### Práticas pedagógicas na EJA: desafios e potencialidades curriculares

A Educação de Jovens e Adultos assume um papel vital na promoção da inclusão educacional e na ampliação do acesso contínuo à aprendizagem ao longo da vida. No entanto, a efetividade desse processo educacional frequentemente se depara com desafios complexos, especialmente no que diz respeito às metodologias de ensino adotadas nesse contexto específico.

É fundamental discutir as práticas de ensino-aprendizagem nessa modalidade, refletindo sobre a adaptação das abordagens pedagógicas na EJA para impulsionar a aprendizagem dos estudantes. Ao considerar a necessidade de uma abordagem didática inclusiva, buscou-se a perspectiva dos educandos sobre as metodologias utilizadas pelos docentes.

Diante disso, observam-se as seguintes respostas:

Às vezes é só atividade no quadro, eu gosto quando o assunto é algo diferente (Sâmela, entrevista, 11 de agosto de 2023).

Muitas vezes eu não aprendo nada, mesmo assim copio tudo (Marcos entrevista, 11 de agosto de 2023).

Nesse contexto, as respostas dos estudantes revelaram predominantemente um modelo pedagógico baseado em exposições orais e atividades no quadro, porém pouco significativo para a construção do conhecimento. Expressar a dificuldade em aprender destaca a desconexão entre os tópicos abordados e a realidade dos estudantes. Assim, é crucial enfatizar a importância do processo de ensino, estimulando a criação de estratégias docentes que considerem as necessidades e desafios enfrentados pelos discentes da EJA.

Diante disso, a inovação nas práticas é vital para uma educação de qualidade, não apenas focando no conteúdo, mas também considerando a realidade e interesses dos estudantes. As metodologias de ensino delineiam o que pode e deve ser realizado, assumindo um papel orientador no contexto pedagógico, facilitando a construção do conhecimento entre professores/as e estudantes, especialmente na prática.

As narrativas dos educandos apontam para a necessidade de criar estratégias de ensino, contribuindo para o aprimoramento pedagógico e para uma educação mais inclusiva e dinâmica, alinhada às necessidades dos jovens e adultos que buscam a continuidade dos estudos.

Contrariando algumas visões anteriores, há estudantes que apreciam a metodologia escolar, sentem-se à vontade nas aulas e avaliam positivamente o processo de aprendizado.

Temos aulas atraentes, que nos ensina muito. (Berenice, entrevista, 11 de agosto de 2023).

Gosto de ir para escola porque sempre aprendo algo diferente, os professores sempre criam uma forma diferente de ensinar. (Marcos, entrevista, 11 de agosto de 2023).

Essas opiniões demonstram, por outro lado, que quando os docentes investem em uma variedade de metodologias de ensino estimulam

a motivação dos estudantes, promovendo sua permanência na escola. A instituição escolar deve proporcionar um ambiente educativo, acolhedor e participativo. Assim, compreender claramente o que e para quem se está ensinando é essencial para desenvolver metodologias educacionais adequadas às especificidades dos estudantes e ao que eles e elas têm em comum.

Nesse sentido, Arroyo (2011) defende que os saberes, por si só, são insuficientes para garantir uma aprendizagem eficaz. Além dos conhecimentos, é crucial adotar uma metodologia que considere a realidade dos discentes, suas particularidades no processo de ensino-aprendizagem e suas experiências anteriores ao ingresso na instituição.

Quando questionados se as metodologias os preparam para avançar nos estudos ou ingressar no mercado de trabalho, todos afirmaram que sim. Eles mencionaram que os docentes utilizam situações reais para elucidar os conhecimentos, aplicáveis em suas vidas profissionais.

Isso apenas reforça a importância de conectar os conhecimentos eleitos como escolares com a vida e a realidade dos estudantes. Conhecer as histórias, hábitos e experiências diárias dos educandos é fundamental para construir um projeto de ensino que atenda às suas reais necessidades. Muitos desses estudantes têm uma jornada escolar marcada por idas e vindas; alguns frequentaram a escola desde a infância porém, por diferentes motivos, interromperam os estudos e, já adultos, retornaram.

Além dessas considerações, os estudantes foram indagados sobre o que a escola poderia oferecer para evitar que desistissem dos estudos. Dentre as várias respostas, destacam-se aquelas que ressaltam um dos pontos mais importantes na discussão sociológica sobre a transição escolar, que se refere às redes de sociabilidade, cujo enfraquecimento pode ser fator preponderante para o insucesso:

A escola já oferta o que precisamos, pois há bom relacionamento entre estudantes e docentes (André, entrevista, 11 de agosto de 2023).

Há uma boa merenda e também o Programa Bolsa Presença da Rede Estadual, que eu recebo no valor R\$ 150,00 mensais de auxílio para permanecer estudando. (Érica, entrevista, 11 de agosto de 2023).

Essas respostas evidenciam aspectos positivos do ponto de vista dos educandos, tais como o bom relacionamento entre professores, professoras e estudantes. Para além das questões relacionadas às redes de sociabilidade, a condição humana dos sujeitos com privações de toda ordem faz ressaltar aspectos relacionados à merenda escolar e à bolsa fornecida pelo estado, que, segundo eles, contribuem para a assiduidade dos estudantes. Isso ressalta o que já foi apresentado: a universalização do acesso não é suficiente para garantir a presença dos discentes. As relações interpessoais, representadas pelo acolhimento do professor, a garantia de uma alimentação adequada e até mesmo programas de incentivo à permanência, como a bolsa, são ações fundamentais.

Ao investigar os motivos que levam os estudantes a persistirem na formação escolar, em todas as respostas percebe-se a busca por uma vida melhor. Os educandos entendem que o mercado de trabalho está cada vez mais exigente, demandando maior qualificação. Alguns mencionam o desejo de prosseguir com estudos em nível superior para conquistar melhores cargos e remunerações, enquanto outros buscam ser exemplo para seus filhos, como expressou a aluna Berenice.

O meu principal motivo é servir de exemplo para o meu filho. Quando ele crescer, terá um modelo a seguir. Se algum dia ele pensar em não estudar, poderá lembrar que a mãe dele foi um exemplo disso. Esse é o meu objetivo principal ao estar aqui hoje; caso contrário, eu não estaria aqui. (Berenice, entrevista, 11 de agosto de 2023).

Uma análise da realidade de vida desses educandos sugere que, para a grande maioria deles, a conclusão do ensino médio torna-se um desafio árduo e complexo. Isso ocorre devido à jornada diária de trabalho que enfrentam, muitas vezes deixando-os exaustos e desmoti-

vados ao chegarem à escola. As demandas do trabalho, as responsabilidades familiares e outros fatores restritivos provavelmente limitam as oportunidades de concluir os estudos para esses grupos considerados heterogêneos do ponto de vista da trajetória escolar, conforme refletido, tornando ainda mais difícil a busca por uma ocupação que possa melhorar sua qualidade de vida. Sobre este tema, estudos mais aprofundados são necessários para verificar se tais pressupostos se confirmam.

Nessa perspectiva, a escola desempenha um papel crucial na aquisição de conhecimento e na ascensão social. Esta modalidade de ensino exige um posicionamento especial, uma educação que vá além das disciplinas; que seja capaz de auxiliar os estudantes em seu crescimento profissional e na superação de suas condições atuais.

### **Barreiras enfrentadas à persistência na EJA**

A transição para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos marca um momento significativo na trajetória educacional dos discentes, repleto de desafios que afetam diretamente sua persistência e continuidade nos estudos. Durante essa migração, os estudantes da EJA deparam-se com diversas questões pessoais e situacionais que podem influenciar sua decisão de seguir adiante com os estudos. Essas barreiras podem ser classificadas em disposicionais, institucionais e situacionais, cada categoria desempenhando um papel crucial na compreensão dos obstáculos enfrentados pelos discentes (Mallows; Costa, 2019, Cross, 1974).

As barreiras disposicionais estão relacionadas às atitudes e percepções individuais dos discentes em relação à aprendizagem e ao currículo. É comum que muitos estudantes da EJA demonstrem uma postura negativa em relação aos estudos, muitas vezes devido a experiências passadas de fracasso escolar ou à falta de confiança em suas habilidades acadêmicas. Essa disposição negativa pode minar significativamente sua motivação para continuar os

estudos e comprometer sua persistência na EJA, como ilustra o caso da aluna a seguir:

Eu fiquei vários anos sem estudar porque eu não conseguia aprender. Tudo era muito difícil para mim; tinha que cuidar dos meus três filhos e dos afazeres de minha casa.

Não tinha tempo de estudar e não conseguia fazer o dever, que era muito difícil. (Berenice, entrevista, 11 de agosto de 2023).

Por sua vez, as barreiras institucionais estão ligadas aos aspectos organizacionais e estruturais das instituições de ensino da EJA. Isso inclui questões como horários de aula inadequados, falta de flexibilidade nos currículos e procedimentos burocráticos complexos. Esses obstáculos institucionais podem criar dificuldades adicionais para os estudantes, especialmente aqueles com responsabilidades familiares ou profissionais que limitam sua disponibilidade para frequentar as aulas nos horários estabelecidos. Essa situação é ilustrada pela experiência do estudante a seguir.

Chegava muito tarde do trabalho, cansado, em casa e não dava tempo de tomar banho para ir para a escola. Resolvi então desistir naquele ano e hoje, depois de três anos, vou tentar não desistir. Preciso mostrar para os filhos que é importante estudar. (André, entrevista, 11 de agosto de 2023).

As barreiras situacionais estão relacionadas às dinâmicas sociais mais amplas que afetam a vida dos estudantes fora da sala de aula. Isso abrange questões como desigualdades socioeconômicas, exclusão social e pressões familiares. Muitos estudantes da EJA enfrentam desafios significativos, como a necessidade de cuidar dos filhos, trabalhar em tempo integral ou lidar com condições socioeconômicas desfavoráveis, o que pode dificultar sua capacidade de se dedicar aos estudos de forma consistente, como ilustrado pelo relato do estudante a seguir.

Em 2020, fiquei desempregado e deixei de estudar porque tive que ir para a colheita do café em outra cidade para sustentar a minha família. Quando retornei, achei que não conseguiria

alcançar os outros estudantes. Retornei este ano e, graças a Deus, estou trabalhando. Espero não desistir. (Marcos, entrevista, 11 de agosto de 2023)

Para superar essas barreiras e promover a persistência dos discentes na EJA, é essencial adotar abordagens pedagógicas e estratégias de apoio que levem em consideração esses desafios. Isso inclui a implementação de currículos flexíveis e adaptáveis, a oferta de horários de aula mais acessíveis, a criação de programas de apoio socioemocional e o estabelecimento de parcerias com organizações comunitárias para fornecer suporte adicional aos estudantes. Além disso, é fundamental envolver os próprios discentes no processo de tomada de decisão e garantir que suas necessidades e preocupações sejam ouvidas e atendidas. Somente por meio de uma abordagem ampla e sensível às questões enfrentadas pelos estudantes da EJA será possível promover uma maior persistência e sucesso educacional nesse contexto específico.

### Fatores determinantes do abandono escolar na EJA

O abandono escolar na Educação de Jovens e Adultos é um fenômeno complexo, influenciado por diversos fatores interligados. Esta análise propõe-se a investigar os elementos determinantes dessa realidade educacional, buscando compreender as razões que levam os estudantes a interromperem seus estudos na EJA. Essa compreensão é vital para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

De acordo com Arroyo (1997), um dos motivos frequentes para a evasão escolar entre os estudantes são os desafios pessoais e familiares, como a obrigação de trabalhar para contribuir com a renda familiar. Isso muitas vezes coloca-os diante da difícil escolha (opção condicionada) entre trabalho e educação, com frequente prevalência do primeiro. Mesmo com o respaldo familiar, aqueles que não possuem renda frequentemente abandonam os estudos em busca de oportunidades mais promissoras.

A evasão esconde um processo de expulsão, fruto das desigualdades, e se materializa na negação do direito a educação.

A partir das questões apresentadas, Arroyo (1997) destaca desafios familiares e do trabalho como fatores que contribuem para o abandono escolar. Sobre as questões familiares, os sujeitos da pesquisa fornecem a seguinte justificativa:

Eu, porque eu casei, aí cuidei de casa, trabalho; aí depois veio o filho. Quando eu engravidei em 2010, desisti; aí depois separei, resolvi voltar de novo e agora estou estudando. Depois de 13 anos, voltei a estudar. (Berenice, entrevista, 11 de agosto de 2023).

Analisando as narrativas dos educandos, é perceptível que a estrutura familiar muitas vezes impõe responsabilidades extras, como a administração do lar e cuidados com os filhos. Em alguns casos, as pessoas redefinem suas prioridades, colocando a educação em segundo plano diante das necessidades imediatas da família. Além disso, a falta de apoio do cônjuge para a continuidade dos estudos pode influenciar na decisão de abandonar a escola.

Outro aspecto evidenciado nas falas dos participantes foi quando questionados sobre os motivos que os impediram de concluir os estudos no tempo previsto. A resposta frequentemente citada foi a dificuldade em conciliar o trabalho com os estudos. Muitos desses estudantes já estão ativos no mercado de trabalho, enfrentando jornadas exaustivas e responsabilidades profissionais. A necessidade urgente de sustentar a si mesmos ou suas famílias frequentemente se torna prioridade, o que resulta em um desafio complexo ao dividir o tempo entre o trabalho e os estudos.

Quando as participantes da pesquisa dizem que casaram ou formaram família e por este motivo interromperam os estudos, há que se pontuar que essas participantes são mulheres, as quais engravidaram ainda na adolescência e deixaram de estudar para cuidar dos filhos. Ou seja, a necessidade de deixar os filhos em casa sozinhos à noite para estudar e

Voltar a estudar foi muito difícil, porque me denunciaram para o conselho tutelar, porque meu marido trabalhava no turno da noite e para eu terminar os estudos eu tinha que deixar os dois filhos que eu tenho sozinhos. (Lorena, entrevista, 26 agosto de 2023).

As várias responsabilidades assumidas no serviço do lar, mais uma vez, são destacadas pelas estudantes da EJA, que se sentem pressionadas pelo próprio contexto da maternidade, ou ainda, em função da própria escola, que não está preparada para atender o interesse destes estudantes, compreender suas dificuldades, promover um ensino com atividades de assistência domiciliar ou possuir espaços berçários.

Outro impedimento entra em pauta: a questão do trabalho. Sobre esse eixo, os estudantes expressaram suas realidades ao narrarem: “Estou estudando hoje com essa idade, porque precisei abandonar a escola para trabalhar e ajudar a minha família.” (Marta, entrevista, 11 de agosto de 2023).

Os resultados destacam que a necessidade de trabalhar para auxiliar nas despesas familiares e sustentar a família é o principal motivo que leva os estudantes a optarem pelo trabalho ao invés da escola, contribuindo para o abandono ou a evasão escolar. Como afirma Oliveira (1999), os estudantes da EJA são oriundos de famílias desfavorecidas economicamente, com pais não alfabetizados ou com baixo nível de instrução escolar, com passagem curta e assistemática pela escola, permeada por ingressos e desistências na escola e que precisam trabalhar desde cedo para ajudar na manutenção financeira da família ou para ajudar nos afazeres domésticos.

Esses relatos trazem à tona reflexões importantes sobre os desafios enfrentados pelos estudantes da EJA, que frequentemente lidam com batalhas pela sobrevivência e restrições financeiras. Para muitos, a escola representa um refúgio que não apenas supre suas necessidades básicas, mas também fortalece sua autoestima e proporciona um ambiente acolhedor. Isso destaca a necessidade de considerar

as particularidades desse público ao planejar estratégias de acolhimento e ensino, visando uma educação mais inclusiva para todas as pessoas.

Essas narrativas refletem os achados de pesquisas anteriores. Paiva (1987), Carrano (2011) e Laranjeira, Iriart e Rodrigues (2016) ressaltam que as desigualdades sociais impactam mais significativamente os jovens de baixa renda. Muitos deixam a escola para contribuir com o sustento familiar e, posteriormente, retornam buscando a EJA, mas a rotina exaustiva de trabalho compromete seu desempenho e aprendizado.

É evidente que questões sociais, econômicas e de gênero são fundamentais. Principalmente as mulheres, a maioria delas mães solo, apontam a dificuldade de prosseguir em seus estudos devido à falta de suporte para cuidar de seus filhos pequenos. Lima e Carvalho (2021) ressaltam a influência direta de elementos como raça, gênero e região do país na trajetória educacional dos estudantes.

Refletir sobre essas questões nos faz compreender que existem várias razões de natureza sociocultural, especialmente de cunho econômico, que contribuem para a evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esses desafios extrapolam os limites da sala de aula e transcendem os muros da escola.

## A título de conclusão

A Educação de Jovens e Adultos é repleta de complexidades e dinâmicas singulares, moldadas pelas experiências individuais de seus estudantes. Neste contexto, explorar o perfil desses estudantes tornou-se fundamental para compreender os desafios e as possibilidades presentes na EJA sob a ótica dos próprios envolvidos. Este estudo buscou adentrar esse universo multifacetado, analisando o perfil dos estudantes da EJA e examinando os desafios enfrentados e as oportunidades percebidas por eles nesse contexto educacional.

Durante a pesquisa, evidenciou-se que os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) enfrentam uma série de desafios durante a transição do ensino fundamental (EF) para o ensino médio (EM) da EJA. A necessidade de adaptação a um novo ambiente escolar pode representar um desafio significativo, especialmente para aqueles que estiveram afastados da escola por um período prolongado, enfrentando dificuldades de reintegração ao contexto educacional. Associadas a esses desafios estão as pressões sociais e emocionais, presentes durante a transição do EF para o EM na EJA, incluindo expectativas familiares e sociais relacionadas ao sucesso acadêmico, bem como o desafio de superar estigmas associados à retomada dos estudos em idade adulta e aos históricos de reprovações da educação regular.

Apesar dos obstáculos mencionados, é relevante destacar que a transição do EF para o EM na EJA também oferece diversas oportunidades aos estudantes. Por meio dessa transição, os estudantes têm a chance de retomar seus estudos e buscar novos objetivos acadêmicos, ampliando seus horizontes educacionais e desenvolvendo competências pessoais e profissionais. A conclusão do ensino médio na EJA pode preparar esses estudantes para futuras oportunidades, como ingresso no ensino superior ou obtenção de certificações profissionais, impulsionando suas perspectivas de inserção no mercado de trabalho e de ascensão social.

No contexto específico da cidade de Gandu, Bahia, identificou-se uma lacuna significativa em relação à implementação de projetos, ações e estratégias específicas de apoio à transição escolar na EJA. Embora os estudantes recebam acolhimento por parte da gestão escolar e dos docentes, constatou-se a ausência de material didático adequado para auxiliá-los nesse processo crucial de transição. Essa falta de recursos educacionais específicos pode representar um obstáculo significativo para os discentes, impedindo-os de enfrentar os desafios acadêmicos e sociais associados à mudança para o Ensino Médio.

Na categoria das barreiras enfrentadas à persistência, a transição do EF para o EM da EJA representa um marco importante na trajetória educacional dos estudantes, repleto de desafios que podem afetar diretamente sua persistência e continuidade nos estudos. Durante essa migração, os estudantes da EJA enfrentam diversas barreiras disposicionais, situacionais e institucionais que influenciam na decisão de prosseguir com os estudos.

As barreiras disposicionais estão relacionadas às atitudes e percepções individuais dos estudantes em relação à aprendizagem e ao currículo. Muitos estudantes da EJA demonstram uma postura negativa em relação aos estudos, muitas vezes devido a experiências passadas de fracasso escolar ou à falta de confiança em suas habilidades acadêmicas. Essa disposição negativa pode minar significativamente sua motivação para continuar os estudos e comprometer sua persistência na EJA, como ilustrado pelo caso da aluna Berenice, que enfrentou dificuldades para conciliar os estudos com as responsabilidades familiares. Essas barreiras disposicionais que geram atitudes negativas em relação os estudos resultam da interconexão de fatores situacionais e institucionais que levam os estudantes a internalizarem a cultura da expulsão dos processos formativos.

Por sua vez, as barreiras institucionais estão ligadas aos aspectos organizacionais e estruturais das instituições de ensino da EJA. Isso inclui questões como horários de aula inadequados, falta de flexibilidade nos currículos e procedimentos burocráticos complexos. Esses obstáculos institucionais podem criar dificuldades adicionais para os discentes, como demonstrado pela experiência do aluno André, que enfrentou dificuldades para frequentar as aulas devido ao horário conflitante com seu trabalho. É importante ressaltar que as desigualdades perpetuadas no processo de escolarização demandam leituras estruturais para compreensão da estratificação das desigualdades que geram barreiras à permanência dos estudantes.



As barreiras situacionais estão relacionadas às dinâmicas sociais mais amplas que afetam a vida dos estudantes fora da sala de aula. Isso abrange questões como desigualdades socioeconômicas, exclusão social e pressões familiares. Muitos educandos da EJA enfrentam desafios significativos, como a necessidade de cuidar dos filhos, trabalhar em tempo integral ou lidar com condições socioeconômicas desfavoráveis, como exemplificado pelas experiências dos estudantes Marcos e Lorena.

São muitos os desafios no processo de transição do EF para o ensino médio da EJA para evitar o abandono. As narrativas dos estudantes evidenciam que a estrutura familiar impõe responsabilidades extras, como a administração do lar e os cuidados com os filhos. Em alguns casos, as pessoas redefinem suas prioridades, colocando a educação escolar em segundo plano diante das necessidades imediatas da família. Além disso, a falta de apoio do cônjuge para a continuidade dos estudos pode influenciar na decisão de abandonar a escola.

Outro aspecto destacado pelos educandos é a dificuldade em conciliar o trabalho com os estudos. Muitos desses estudantes já estão ativos no mundo de trabalho, enfrentando jornadas exaustivas e responsabilidades profissionais. A necessidade urgente de sustentar a si mesmos ou suas famílias frequentemente se torna prioridade, dificultando a dedicação aos estudos. Essas narrativas refletem os achados de pesquisas anteriores, que ressaltam que as desigualdades sociais impactam mais significativamente os jovens de baixa renda.

Refletir sobre essas questões nos faz compreender que existem várias razões de natureza sociocultural, especialmente de cunho econômico, que contribuem para a evasão escolar na EJA. Esses desafios extrapolam os limites da sala de aula e transcendem os muros da escola, tornando essencial enfatizar a integração dos educandos na vida escolar e utilizar de maneira eficaz a riqueza de experiências que eles trazem para a sala de aula.

Desde a perspectiva institucional, para superar barreiras e apoiar o processo de transição e promover a persistência dos estudantes na EJA, é essencial adotar abordagens pedagógicas e estratégias de apoio que levem em consideração esses desafios. Isso inclui a implementação de currículos flexíveis e adaptáveis, a oferta de horários de aula mais acessíveis, a criação de programas de apoio socioemocional e o estabelecimento de parcerias com organizações comunitárias para fornecer suporte adicional aos discentes. Além disso, é fundamental envolver os próprios estudantes no processo de tomada de decisão e garantir que suas necessidades e preocupações sejam ouvidas e atendidas. Somente por meio de uma abordagem ampla e sensível às questões enfrentadas pelos estudantes da EJA será possível promover uma maior persistência e sucesso educacional nesse contexto específico.

Enfim, o estudo revelou que a transição do EF para o EM da EJA é um fenômeno complexo, que requer uma leitura integradora de fatores institucionais, disposicionais e situacionais. Em se tratando de questões institucionais, a pesquisa sinaliza a necessidade de estratégias de acompanhamento e orientação mais próximas dos estudantes para apoiá-los no seu processo de transição. Apesar de a escola contar com um coordenador pedagógico, cuja carga de trabalho é considerável, é fundamental oferecer um suporte mais individualizado e profissional, auxiliando os estudantes a encontrarem o caminho mais adequado para o seu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

## REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Pedro. As transições entre ciclos de ensino: entre problema social e objecto sociológico. *Interacções*, n. 01, p. 25-53, 2005.
- ARROYO, Miguel González. **Escola coerente à Escola possível**. São Paulo: Loyola, 1997.
- ARROYO, Miguel González. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? **REVEJ@ – Revista de Educação**

- de Jovens e adultos**, v. 1, p. 1-10, ago. 2007. Disponível em: <[http://mariaellytcc.pbworks.com/f/REVEJ@\\_0\\_MiguelArroyo.pdf](http://mariaellytcc.pbworks.com/f/REVEJ@_0_MiguelArroyo.pdf)>.
- ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- ARROYO, M. Os jovens, seu direito a se saber e o currículo. Em: DAYRELL, J.; CARRANO, P. C.; MAIA, C. L. (orgs.) **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículo em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p.158-203.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: UFSC, 2014.
- BRASIL. **Lei 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 10 ago. 2024.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 03, de 15 de junho de 2010. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. **Diário Oficial**, 16 de junho de 2010.
- BRUNEL, Carmem. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e participação social no Brasil: evidências de um diálogo nacional com jovens de regiões metropolitanas. Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 26. **Anais...** Guadalajara: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2007.
- CARRANO, P. C. R. O ensino médio na transição da juventude para a vida adulta. In: FERREIRA, C. A.; PERES, S. O.; BRAGA, C. N.; CARDOSO, M. L.M. (Orgs.). **Juventude e iniciação científica**: políticas públicas para o ensino médio. 1. ed. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2011, p. 34-49.
- CROSS, K. P. **Lowering the Barriers for Adult Learners**. Conferência proferida sobre a temática "The Liberal Arts College and the Experienced Learner". Santa Barbara, California, 19 jun. 1974.
- DAYREL, 2005
- DAZA, P. L.; LLANES, O. J.; FIGUERA, G. P. Exploring the persistence of adults on secondary education courses: occupational status, satisfaction and self-efficacy as key factors. **Journal of New Approaches in Educational Research**, v. 13, n. 6, 2024. <https://doi.org/10.1007/s44322-023-00005-2>
- GADOTTI, M. Qualidade na educação: uma nova abordagem. In: Congresso de Educação Básica: qualidade na aprendizagem. Florianópolis. **Anais...**, Florianópolis: Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, 2013. p. 1-18.
- GADOTTI, M. Educação de Adultos como Direito Humano. **EJA em Debate** [online], Florianópolis, ano 2, n. 2. p. 12-29, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/issue/view/>"<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/issue/view/>>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep. Censo Escolar de 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- LARANJEIRA, D. H. P; IRIART, M. F. S; RODRIGUES, M. S. Problematizando as Transições Juvenis na Saída do Ensino Médio. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 1, p. 117-133, 2016.
- LEBOURG, Elodia Honse; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação; SILVA, Luciano Campos da. Juventude e transição para o ensino médio: desafios e projetos de futuro. **R. Bras. Est. Pedag.**, Brasília, v. 102, n. 260, p. 82-98, jan. 2021.
- LIMA, Maria de Fátima Magalhães de. Transição para o ensino médio: relação entre política de correção de fluxo e trajetórias escolares. **Reunião Nacional da ANPEd**, 38, 01 a 05 de outubro de 2017, São Luís/MA. **Anais...** Disponível em: <[http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT14\\_1103.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT14_1103.pdf)"[http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT14\\_1103.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT14_1103.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- LIMA, Maria de Fátima Magalhães de; CARVALHO, Cynthia Paes de. Transição para o Ensino Médio:

Gestão de Política de Correção de Fluxo e Trajetórias Escolares. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 29, n. 51, p. 01-28 2021.

MALLOWS, D; COSTA, G. S. Persistencia en la educación de jóvenes y adultos: reflexiones sobre currículo e inclusión. In: COSTA, G; RAJADELL, N.; NUNES, C. (orgs.). **Educación e inclusión: desafíos formativos y curriculares**. Barcelona: Ediciones Zaragoza, 2019, p. 39-53.

MULLER, Elaine. O conceito de transição e o curso da vida contemporânea. **Revista Feminismo**, v. 1, n. 3, set.-dez. 2013.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, n. 12, p. 59-73, 1999.

OLIVEIRA, M. da C. C. V. B. de; COSTA, G. S. A juvenilização da Educação de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades curriculares. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 42, p. 48-77, 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i42.7336. Disponível em: < <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/7336> > <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/7336> >. Acesso em: 10 ago. 2024.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1987.

PEREIRA, Talita Vidal; OLIVEIRA, Roberta Avoglio Alves. Juvenilização da EJA como efeito colateral das políticas de responsabilização. **Estudos em**

**Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 29, n. 71, p. 528-553, maio/ago. 2018.

RIBEIRO, Carlos A. Costa. Desigualdade de oportunidades e resultados educacionais no Brasil. **Dados**, v. 54, n. 1, p. 41-87, 2011.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. São Paulo: Penso, 2013.

SACRISTÁN, J. Gimeno; Pérez Gómez, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SILVA, A. de J. da et al. Educadores de jovens trabalhadores que estudam: aprendendo a ensinar. In: SILVA, Analice da. **Diálogos com a juventude presentes na EJA**. Belo Horizonte: Mazza, 2014.

SOUZA, Edna Rodrigues de. **Juvenilização da Eja: quais saberes? Quais práticas? Qual currículo?** 2019. 147f. Dissertação – Mestrado em Educação, Departamento de Educação do Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2019.

TITTON, M. **Educação no Ensino Médio: desafios e perspectivas**. São Paulo: Moderna, 2010.

Vidal, Z. N. **Transições juvenis na saída do ensino fundamental para o ensino médio da EJA: desafios e possibilidades no município de Gandu-Ba**. 2024. 173 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2024.

*Recebido em: 18/03/2024*

*Aprovado em: 27/07/2024*



Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.